

Igreja Matriz de Pinheiro de Coja

Dedicada a São Tiago, a igreja paroquial de Pinheiro de Coja foi, muito provavelmente, construída antes de 1728, uma vez que uma informação datada deste ano refere a existência da igreja paroquial neste período⁵⁴². Contudo, é muito provável que a sua construção seja bastante anterior a esta época, já que existem elementos que constituem a sua actual estrutura, mormente «nas bases dos pés direitos do arco cruzeiro»⁵⁴³, e elementos que integram a estrutura do arco do baptistério que datarão, ambos, de princípios do século XVI. Parece também certo que o actual templo seja fruto de uma intervenção do século XVIII, pese embora a torre haver sido reconstruída nos dias de Novecentos⁵⁴⁴. A análise da morfologia do edifício não deixa dúvidas, no entanto, de que a igreja sofreu uma grande intervenção setecentista.

O imóvel constitui-se por três corpos, um correspondente à nave, outro à capela-mor, de dimensões mais reduzidas que o anterior, e o terceiro correspondente ao baptistério, ao acesso ao púlpito e à sacristia. O exterior do edifício mostra pilastras pétreas nos cunhais, que se encontram presentes quer na fachada principal, quer na lateral direita, quer na posterior. Estas fachadas possuem entablamento lítico e elementos piramidais, colocados sobre a base rectilínea, alinhados com as pilastras e colocados ao nível do telhado. O imóvel exhibe empenas triangulares encimadas por cruz, colocada sobre peanha, formando uma espécie de telhado de uma água. A extremidade inferior da igreja é pintada com uma faixa cinzenta que contorna todo o edifício, à excepção da fachada posterior, na qual se implantou uma fonte, protegida por cobertura telhada, na estrutura que interiormente corresponde, entre outros espaços, à sacristia.

A fachada principal apresenta porta de verga recta, encimada por almofada desprovida de decoração e guarnecida por um lintel. Sobre esta estrutura situa-se um janelão de verga curva que permite a iluminação do coro-alto. Na extremidade esquerda observa-se um corpo adossado que se prolonga por toda a fachada lateral, a qual expõe uma porta de verga recta servida por escada com degraus de pedra adossados a esta parede. Na extremidade oposta, surge a torre sineira, com superfície marcada por pequenas janelas de verga curva e com pilastras de pedra nos cunhais. Neste alçado podem ver-se duas placas, uma de pedra cuja legenda é imperceptível e outra de mármore, que possui a seguinte inscrição: «ESTE RELÓGIO/ FOI UMA INICIATIVA DO/ NÚCLEO DOS AMIGOS/ DA FREGUESIA DE/ PINHEIRO DE COJA/ COM SUBSCRIÇÃO PÚBLICA/ 1 DE JANEIRO DE 1971». O campanário da igreja detém quatro vãos de arco redondo, de chave ressaltada e, em cada face, uma porta de lintel recto. O mostrador do relógio revela o nome da oficina «COUSINHA/ ALMADA». A estrutura sineira suporta uma cobertura piramidal, encimada por uma cruz enquadrada por quatro elementos também piramidais rematados por uma esfera e colocados nos cantos sobre as pilastras dos cunhais. A fachada lateral direita do templo contém uma porta de verga recta e

uma de verga curva e a porta axial o edifício é encimada por almofada e por lintel. Na frontaria existem ainda duas pequenas janelas de verga curva. A fachada posterior apresenta alçado cego, apenas marcado por um pequeno nicho, actualmente desprovido de qualquer escultura. A fachada lateral esquerda possui duas portas e quatro janelas de lintel curvo.

No interior, a igreja é constituída por uma nave única, decorada com lambrim de azulejos azuis, com módulo de 4 azulejos e temática vegetalista, floral e geométrica. A abóbada é revestida com madeira, cuja estrutura está reforçada com batentes de ferro. O revestimento azulejar encontra-se também noutros espaços do imóvel, tais como o baptistério e a capela-mor. A nave acolhe, sobre a entrada principal, o coro-alto, de madeira, guarnecido com balaústres, ao qual se acede por uma porta disposta lateralmente. O dispositivo é suportado por duas colunas de pedra que assentam em estrutura circular sustentada por base de pedra, de onde nascem as pias de água benta. Nas entradas da igreja, existem pias de água benta, também de pedra granítica, mas de morfologia distinta. O pavimento do imóvel é revestido com ladrilho cerâmico de fabrico industrial. O baptistério, colocado no lado do Evangelho e próximo da entrada principal, contém uma pia baptismal em muito mau estado de conservação. Neste espaço encontra-se, ainda, um Calvário de grandes dimensões, quase em tamanho natural, que terá vindo de Lisboa para esta igreja, já durante o século XX⁵⁴⁵. Este Calvário, datado do século XVIII⁵⁴⁶, mostra uma escultura de Cristo crucificado, morto, com as chagas bem marcadas, coroado de espinhos e ostentando um resplendor. Em espaço arquitectónico com janela a permitir a iluminação natural, a cruz está ladeada pela figura da Virgem Maria, caracterizada como Senhora das Dores, de vestes roçagantes, véu, manto sobre a cabeça e mãos justapostas, e por São João Evangelista, de trajes também a tocar no chão, manto e túnica, com longos cabelos, segurando, na sinistra, o livro do seu Evangelho.

A nave do templo maior de Pinheiro de Coja exhibe, nas suas paredes, pinturas representativas dos quadros da Via-sacra, que se encaixam em molduras de madeira, decoradas com pequenos pináculos de madeira e cruces do mesmo material. O púlpito de madeira, colocado na parede do lado do Evangelho, possui bacia, mísula e balaústres de madeira e o acesso ao mesmo processa-se através de porta de verga recta com lintel encimado por uma sanefa cuja extremidade expõe contornos curvos a enquadrar uma grinalda de flores pintada sobre a madeira.

Os retábulos laterais, já classificados como obras correntes, datam dos finais do século XVIII ou já mesmo dos inícios da centúria seguinte⁵⁴⁷. Integram mesas de altar pintadas através de marmoreado vermelho e decoradas com ornatos vegetalistas dourados e verdes, exibindo também policromia azul. A parte superior compõe-se de marmoreados azuis e vermelhos, que se articulam com elementos pintados de dourado e de branco. O sacrário ostenta coroamento de contornos curvilíneos, encimado por uma concha e por elementos vegetalistas. Estas dois elementos, or pintados de dourado ou de dourado e branco, estão presentes em vários pontos da fisionomia dos retábulos que contém duas colunas compósitas, colocadas nas

extremidades a enquadrar o grande nicho central, de fundo azul pintado de flores polícromas, também ladeado por dois falsos nichos, com mísulas douradas sobrepujadas de baldaquinos. O coroamento dos retábulos apresenta dois enrolamentos, simulando um frontão curvo, que suportam dois anjos em acrotério. Estes seguram palmas nas mãos e enquadram um ornato decorativo. O retábulo do lado do Evangelho acolhe, no nicho central, uma interessante escultura da Rainha Santa Isabel datada do século XVIII⁵⁴⁸, de madeira, mostrando Santa Isabel com hábito de clarissa, com policromia preta decorada com estrelas douradas e motivos vegetalistas da mesma cor. Como é típico da sua iconografia, segura uma fronde de rosas no seu manto e apoia-se em pequena peanha onde já não se consegue ler a sua identificação. Nos falsos nichos, expõem-se esculturas de madeira estampada e policromada também datadas do século XVIII: um santo, de longas barbas, traja túnica curta, botas altas e enverga manto e uma personagem feminina traja túnica roçagante e manto. Colocado próximo deste retábulo, em estrutura própria, localiza-se uma escultura de Nossa Senhora de Fátima, de mãos justapostas que seguram um terço, envergando túnica e manto branco, debruado com motivos vegetalistas polícromos. A figura, de face delicadoce, surge aureolada de estrelas e, pelo arcaísmo das proporções, deve corresponder a cronologia antiga, relativamente ao culto de Fátima.

O nicho central do retábulo do lado da Epístola exhibe uma escultura de Nossa Senhora da Conceição, do século XVIII, com peanha própria. A escultura da Imaculada tem as mãos postas à altura do peito, traja túnica roçagante e reveste-se com manto, ambos decorados com motivos dourados. A Virgem está sobre um crescente e a base onde coloca os pés é ornada com pequenos anjos. Na extremidade esquerda deste retábulo, foi colocada uma escultura de Santa Luzia, figurada com longos cabelos, túnica azul e manto vermelho, segurando o prato com os olhos numa das mãos. Trata-se de uma escultura de talhe popular e factura antiga. Na extremidade oposta, pode ver-se a imagem de São Sebastião, de pedra, provavelmente do século XVI, de estilo gótico⁵⁴⁹. O mártir tem as mãos presas a um tronco de derva, mostrando no corpo as marcas das setas com que foi suplicado.

A capela-mor apresenta uma porta de verga curva, que possibilita a comunicação com a sacristia. O tecto, de madeira pintada na cor azul, com um batente de ferro aproveitado para suportar os candelabros, é marcado por faixas vermelhas e brancas e decorado por um medalhão de moldura ornada de flores com a representação de São Paulo, exibindo barba, túnica e manto roçagantes e segurando, na dextra, uma espada e, na sinistra, um livro aberto. Na parede esquerda do presbitério, assenta um pequeno retábulo que enquadra um nicho com colunas e arco decorado através de marmoreados verdes e de elementos dourados. Esta pequena estrutura é encimada por uma cruz e possui um nicho de cor azul com pequenas listas douradas, onde se colocou uma imagem de roca da Virgem Maria, com túnica branca, manto azul, decorado com estrelas douradas, de cabelos longos e com coroa na cabeça. Na parede oposta, expõem-se uma representação do Sagrado Coração de Jesus, colocada sobre uma mísula de madeira, tipicamente representado

segundo a imagética provinda das oficinas dos escultores-santeiros do Norte do País.

O retábulo principal, de estilo nacional, datado, possivelmente, de finais do século XVII⁵⁵⁰, inclui, no entanto, uma mesa de altar, com respectivo enquadramento, de outra cronologia, mais concretamente de gramática rococó, uma vez que apresenta motivos vegetalistas e enrolamentos conotáveis com este estilo artístico. O sacrário, da mesma estilística que a estrutura principal do retábulo, exhibe colunas torcidas e acro de volta perfeita, com o tipo de morfologia das colunas do retábulo a emoldurar uma representação do Ressuscitado, de manto verde e vermelho, orlado a dourado, e com a flâmula da vitória. Sobre o tabernáculo encontra-se a representação, em vulto, mas da mesma talha dourada, de um pelicano, ave que o cristianismo conotou com a simbólica eucarística. O retábulo integra, ainda, quatro colunas pseudo-salomónicas, duas em cada extremidade, de capitel compósito, com fustes ornados com pâmpanos, aves e 'putti', que enquadram, do lado esquerdo, uma representação de São Tiago, de túnica azul clara e manto vermelho. A imagem de pedra, datada do século XVI, de estilo renascentista e de cinzel «corrente»⁵⁵¹, ostenta os símbolos dos peregrinos de Santiago de Compostela, o chapéu com a representação da concha vieira, ladeada por cruces, e um cajado. Na sinistra, o Apóstolo segura um livro aberto, lembrança de que também foi escritor sagrado. Na extremidade oposta, as referidas colunas torsas enquadram uma imagem de Santo António com o Menino. O santo tonsurado traja hábito franciscano e segura, na mão sinistra, o Menino Jesuse, na dextra, uma cruz. Os elementos arquitectónicos sustentam o entabamento de friso decorado com faces de anjos. O nicho central exhibe caixotões decorados com elementos florais da cor do ouro e um trono ornado com folhas de acanto e pequenos anjos. O coroamento, fazendo uso, como é comum na retabulária nacional, do arco de volta perfeita, constrói-se com arquivoltas, torsas e lisas, cujo extradorso se decora com pâmpanos, anjos e aves. Ao centro, exhibe um medalhão, orlado com folha de acanto expondo o monograma referente a Jesus Cristo enquanto salvador da humanidade: «IHS».

⁵⁴² FERREIRA, Luís Pedro – *Tábua. Passado com Futuro*. Tábua: Município de Tábua; Biblioteca Municipal João Brandão, 2007, p. 81.

⁵⁴³ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1952, vol. IV, p. 243.

⁵⁴⁴ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁴⁵ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁴⁶ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁴⁷ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁴⁸ SARAIVA, José da Costa – *Monografia de Midões*. Cucujães: Edição do Autor, 1986, p. 97, abre a possibilidade de esta peça poder datar do século XVII.

⁵⁴⁹ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁵⁰ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243.

⁵⁵¹ CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira – *ob. cit.*, p. 243 e SARAIVA, José da Costa – *ob. cit.*, p. 97.